GUIMARÃES
(Souto - São Salvador)

Souto São Salvador é uma povoação do concelho de Guimarães e teve estatuto de freguesia até ser extinta pela reforma administrativa de 2013. Atualmente, forma parte de uma nova freguesia intitulada União das Freguesias de Souto Santa Maria, Souto São Salvador e Gondomar. Esta freguesia pertence ao concelho de Guimarães, distrito de Braga. O mosteiro de São Salvador dista cerca de 10 km da sede de concelho. Sair de Guimarães pela avenida Alberto Sampaio (N101) e permanecer na estrada N101 durante cerca de 3 km, virar à esquerda para a rua Xavier de Carvalho e depois à direita para a rua de São Torcato e seguir pela rua Senhora Madre de Deus. Na rotunda seguir pela primeira saída pela estrada N207-4 e andar cerca de 1,5 km, depois virar à esquerda para a estrada N309 e cerca de 1,5 km à frente virar à esquerda para a rua Domingos Macedo e mais à frente virar à direita para a rua da Boavista. Cerca de 1 km à frente virar à direita para a estrada CM1552 e o mosteiro encontra-se cerca de 800 m à frente.

A localidade de São Salvador de Souto é limitada a noroeste pelo rio Ave e pela cumeada das serras do Picoto e Guardina. O enquadramento do mosteiro é, ainda hoje, acentuadamente rural e está implantado numa várzea. O conjunto monástico domina uma pequena povoação, ainda hoje envolvida por vales férteis que se estendem até ao Ave, a noroeste. Sabemos que as margens dos rios e os terrenos fundos eram aqueles que mais depressa eram ocupados nos séculos XII e XIII. A cultura de regadio que perdurou nesta região desde a idade média permitiu uma intensa exploração dos solos agrícolas e a abundância de gado. Lembra-nos Carlos Alberto Ferreira de Almeida que as margens dos rios e de ribeiras e os fundos dos vales de Entre-Douro-e-Minho são, nestes séculos, e mesmo antes, sistematicamente ocupados por campos, agras e vessadas, onde se cultivavam o milho miúdo, os legumes e os linhos.

As ruínas de diversos moinhos junto ao rio remetem para a atividade da moagem de cereais.

O nome Souto deriva de *saltus* que significa bosque de castanheiros, que ainda hoje marcam presença no território. Não nos esqueçamos que a unidade de exploração característica desta época, e mais ainda desta região, era constituída também pelo monte e pelo *ager*, cumprindo assim as necessidades de um micro-agro-silvo-sistema que tem de assim satisfazer a casa, ou mosteiro, na alimentação e vestuário, na criação de gado e de madeira, lenha e matos.

O povoamento em São Salvador do Souto remonta à cultura castreja, como atestam vestígios de fortificação. As referências à *villa de Sauto* recuam ao rei Ramiro II de Leão (930-950), incluída na doação que fez ao mosteiro de Guimarães dos seus *mandamentos de Ave in Vizella*.

Mosteiro de São Salvador

A FUNDAÇÃO DE UM TEMPLO no lugar do Souto será anterior a 1059, em virtude de já se encontrar referido no inventário das herdades e igrejas do mosteiro de Guimarães, mandado fazer por Fernando I de Leão, onde se lê *ecclesia ibi fundata Sancti Salvatoris*.

As primeiras referências a um cenóbio, propriamente dito, neste lugar datam da 1121, *in villa que vocatur Sauto de Mulieres monasterium Sancti Salvatoris*, seguindo provavelmente uma regra de observância visigótica. Trata-se de uma doação de Andulfo Doniz a *Sancti Salvatoris et a tibi priori Vermudo et clericis ipsos* de bens que possuía em Balsadas e Sanguinhedo e da sétima parte do que herdara de seus pais.

Em 1172, Ausenda Afonso, Vicente e João Soares vendem a D. Godinho, prior de Souto uma herdade *in villa de Sauto*. Em 1176, Maria Anes e sua filha Toda Fafes fazem venda semelhante ao dito prior. Em 1177, Urraca Peres doa ao mosteiro um casal, determinando ser sepultada no *monasterium Sancti Salvatoris de Sauto*.

O mosteiro de São Salvador terá sido fundado, provavelmente, por D. Gomes Pais ou por D. Paio Guterres da Cunha, que terá edificado também os mosteiros de Vilela e de São Simão da Junqueira. O mosteiro de Souto foi entregue, posteriormente, aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

Do ano 1216 data uma inscrição que estaria na parede sobre um túmulo com o escudo das armas dos Cunha na galilé da igreja. Craesbeeck ainda a viu e registou em 1726, mas, entretanto, desapareceu. A leitura apresentada por Mário Barroca segue o desenho do referido autor:

Era Mª CC ·2 IIII ·

Tanto a inscrição como o sarcófago desapareceram nas obras que se seguiram a 1758, restando apenas o registo do autor de início do século XVIII.

Nas Inquirições de 1220 é afirmado que o rei não era o patrono e que apenas detinha um quarto de um casal reguengo em São Salvador do Souto e alguns bons campos, e os moradores da freguesia pagavam os tributos devidos ao rei. Nas Inquirições de 1258 é reafirmado que o rei não é patrono e que a freguesia fora coutada por D. Afonso III a D. João Soares e que não pagavam qualquer foro ao rei. A inquirição ao mosteiro de Souto revela que havia 33 casais na freguesia, sendo 26 do dito mosteiro. Em 1262, João Lourenço da Cunha, bisneto do fundador, instituíra na igreja certas missas pelas almas dos seus ascendentes.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros, mandado fazer em 1320 por D. Dinis, o mosteiro de São Salvador do Souto foi taxado em 300 libras. Foram taxados três mosteiros na Terra de Guimarães: Souto e São Torcato contribuíram com 300 libras e o mosteiro da Costa foi tributado em 1000 libras, nas contribuições para a Cruzada. Este cenóbio de São Salvador do Souto é também referido no Censual de Braga de meados do século XIII. Este mosteiro, como era recorrente no período medieval, foi sendo agraciado com doações testamentárias. Pedro Peres, chantre de Braga, em 1215, deixa ao mosteiro de São Salvador do Souto uma herdade *et panem et directuras quas ibi habeo*. Martinho Eanes Barrosas, cónego de Braga e reitor da igreja de São Pedro de Este, deixa, em 1325, ao mosteiro do Souto uma libra.

Perspetiva geral da igreja a partir de noroeste





Cornija do alçado sul da cabeceira

Pormenor da cornija do alçado sul da cabeceira



As dependências conventuais foram sendo ampliadas conforme as exigências da vida claustral e da administração fundiária. Um contrato de 1328 refere-se a obras na adega e na enfermaria. A referida adega ainda hoje conserva o grande arco da porta de acesso.

Em 1367, João Lourenço Bubal, meirinho-mor da comarca de Entre-Douro-e-Minho, e por ordem de D. Fernando, procede à repartição das rendas do mosteiro entre o prior e os frades, que eram cónegos no mosteiro, e aqueles que aí tinham direito de padroado.

O arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, visitou o mosteiro do Souto em setembro de 1431, após um longo périplo de visitas episcopais, iniciado em Lomar e finalizado em Santa Marinha da Costa. Em 1448, o prior

e convento de São Salvador foram obrigados a mandar citar certas pessoas que se recusavam a pagar os tradicionais dízimos.

Ao longo do século XV, acentuou-se a decadência das comunidades monásticas e a de São Salvador de Souto não foi exceção. À medida que a comunidade enfraquecia, aumentava o assalto aos seus bens. O grave estado deste cenóbio acabou por ditar a sua extinção pelo já referido arcebispo D. Fernando da Guerra, a 27 de junho de 1454, sendo reduzido a igreja secular e, mais tarde, convertida em comenda da Ordem de Cristo. Em meados do século XVI, João de Barros atesta que o mosteiro já não tinha frades e era comenda da Ordem de Cristo, rendendo 300 cruzados para o comendador.

Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, redigido por Pedro Álvares Seco em 1563, o mosteiro de São Salvador do Souto rendia, em 1542, 100 000 reais ao seu comendador, Fr. Rui de Melo.

Nos inícios do século XVIII, o Padre Carvalho da Costa reitera que São Salvador do Souto era comenda da Ordem de Cristo e fora mosteiro de Cónegos Regrantes. Do lado esquerdo da porta principal do templo existiam diversas sepulturas, sendo que numa se divisavam as armas do fundador e a outra seria de um comendador da dita Ordem.

Foi reedificado em 1758, estando o facto celebrado numa inscrição gravada em três silhares do lado esquerdo da fachada principal. Por esta altura foi construída a residência paroquial. As Memórias Paroquiais de 1758 registam que a igreja tinha três altares e não tinha naves.

Em 1896, o Pe. João Gomes de Oliveira Guimarães, abade de Tagilde, reuniu a documentação inédita relativa ao mosteiro de Souto num volume intitulado *Documentos Inéditos dos séculos XII-XV*, adicionando outros extratos de documentos posteriores, relativos ao século XVI. Trata-se de documentação de caráter administrativo e patrimonial e que inclui também testamentos que informam sobre os bens móveis e imóveis doados ao mosteiro. Também Avelino de Jesus da Costa publicou numerosa documentação relativa a este mosteiro.

António Cruz lembra que restam expressivos testemunhos do templo primitivo e das construções conventuais, como os modilhões e cachorrada, alguns deles removidos do local original.

A igreja de Souto foi reconstruída na sua totalidade no século XVIII, conforme testemunha a data da inscrição gravada numa das pilastras da fachada principal. A sua implantação respeita aquela que fora a da igreja monástica medieval, conforme faz adivinhar a quadra a sul que, delimitada por diversas construções, prefigura aquilo que terá sido o claustro do mosteiro. A reconstrução desta igreja, com uma outra escala e dentro de outros preceitos litúrgicos, atesta a importância e o poderio económico e social que esta freguesia tinha durante a época moderna.

Pouco ou nada sabemos de como seria a igreja de Souto na época românica. Apesar dos parcos vestígios remanescentes, aproveitados na atual fábrica, sabemos apenas por uma descrição anterior à reedificação de 1758 que a igreja era antecedida por uma galilé abobadada e sobrepujada por torre sineira. Segundo Mário Barroca, a inscrição relativa a 1216 que Craesbeeck viu na galilé deste mosteiro, junto de uma sepultura, deve ser associada à construção da galilé funerária e não ao túmulo, uma vez que a sua data é demasiado precoce relativamente à representação heráldica, cujos primeiros testemunhos, no caso português, remontam à segunda metade do século XIII. A ser assim, a edificação da igreja do Mosteiro de São Salvador de Souto terá sido provavelmente iniciada ainda nos finais do século XII e a partir da cabeceira, tal como era comum na época românica.

Como dissemos já, além da permanência formal da espacialidade do claustro a sul da atual igreja, identificamos nesta alguns vestígios da época românica e que na sua maioria resultam de reaproveitamento de silhares. Estando descontextualizados e repetindo modelos que se prolongam no tempo longo do românico, torna-se tarefa dificil propor uma datação para estes testemunhos no contexto da história das formas.

Disso são exemplo os vários silhares com enxaquetado que vemos reaproveitados na nave, no alçado sul ou no interior da nave, visíveis ao modo de janelas de restauro.

No alçado norte da abside, a que se acrescentou uma sacristia retangular com desenvolvimento perpendicular a esta, reaproveitou-se cornija com amplas palmetas estilizadas. De referir, ainda, um pouco por toda a igreja, a presença de silhares siglados e que comprovam como a reconstrução realizada durante a época moderna fez uso do material herdado da edificação românica.

Mas é no lado sul da cabeceira, ou seja, no lado voltado ao claustro, que se conserva uma cornija ornada com motivos fitomórficos encadeados pontuados por pequenas esferas. A cornija é sustentada por arquinhos que, ao modo românico, se apoiam sobre cachorros esculpidos em todo o seu quadro. Os arquinhos mostram motivos esculpidos de sabor geométrico, de que se destacam os temas lanceolados, as fitas encadeadas ou encordoados. Além disso, alguns deles deixam perceber que o intradorso também mereceu a atenção do artista porque surge decorado, seja com besantes, com esferas ou outras soluções geométricas.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida relevou o caráter fortemente esculturado dos cachorros da cabeceira nos



Alçado sul da nave. Trechos de friso enxaquetado

quais se identificam temas como pipos, cabeças de animal, uma delas abocanhando um toro, e volumosos rolos recortados. Destacam-se alguns onde se representam figurações humanas: um homem em posição acrobática que exibe o sexo, outro que transporta uma pipa e um outro em posição de atlante. Um dos cachorros apresenta a forma de um capitel, seguramente reaproveitado, no qual se vê duas figuras humanas de corpo inteiro, talhadas nos ângulos, tendo ao centro um rosto de animal fantástico que abocanha as mãos de ambos. Há, no entanto, alguns que são seguramente fruto do restauro revivalista do século XIX, de que se destaca, além de um busto vestido à moda do tempo de Camões, um outro onde se figura uma cabeça de elefante. Este aspeto é-nos confirmado ainda pela diferença de grão ao nível do granito utilizado nos últimos arquinhos, cornija e respetivos cachorros da capela-mor, mais fino e mais claro. De notar ainda o caráter mais estilizado da ornamentação dos arquinhos, aqui grafitado. Estes elementos, concebidos ao modo românico, são coevos da ampliação da cabeceira.

Segundo Ferreira de Almeida, o tipo de cachorros com escultura volumosa e popular, muitas vezes com bustos, e que em termos formais se aproxima da escultura das igrejas românicas do Alto-Minho, tem nesta igreja um dos seus exemplos que perdurará até ao século XVI. A forma da arcatura da cornija e dos seus cachorros, permitem datar estes vestígios dos fins do século XIII ou dos inícios do século XIV. Para Manuel Real esta cornija, densamente esculpida, faz desta igreja o único exemplar "galego" claramente encravado no interior da diocese de Braga.

A homogeneidade deste trecho e a sua qualidade, enfatizada pelo aparelho do alçado, em granito bem esquadriado e que configura um aparelho pseudo-isódomo, faz-nos supor que se respeitou o primitivo muro sul da cabeceira, no momento em que se ampliou a mesma durante a intervenção que terminou na Era de 1869, conforme inscrição que a memora no alçado este da abside.

O mosteiro de São Salvador do Souto foi fundado na primeira metade do século XII e entregue, posteriormente, à Ordem de Santo Agostinho. No século XVIII a igreja foi reedificada, tendo sido ainda alvo de profunda transformação no século XIX. Só a importância da sua implantação territorial, da sua ligação à nobreza local e o acolhimento de uma importante comunidade monástica fazem antever a escala e a qualidade do estaleiro do primitivo mosteiro românico e justificam a sua profunda transformação durante

a época moderna. Atualmente, a igreja do antigo mosteiro de Souto está afeta ao culto e serve de igreja paroquial. A estrutura conventual é propriedade privada e está adaptada a funções residenciais.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, I, p. 50 e II, p. 271; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 80 e 149; ALMEIDA, C.A.F., 1988; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 112; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 108; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 278 (de 1216); BARROS, J., 2019, pp. 197 e 315; BOISSELLIER, S., 2012, p. 152; COSTA, A., 1929-49, XI, p. 580; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 105; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 236, 294, 362 e 384; CRAESBEECK, F.X.S., ed. 1992, I, pp. 239-244; CRUZ, A., 1981, pp. 89, 92-96 e 99-100; FERNANDES, A.G., 2011, pp. 136-141; GEPB, 1935-60, XXX, pp. 27-29; LENCART, J., 2018, p. 440; LMUMADONA, doc. n.º 45 (de 1059), p. 77 e doc. n.º 8, p. 221; MARQUES, J., 1988, pp. 428 e 603-607; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 375-376; PMH, INQ., pp. 21, 95, 179, 223 (de 1220) e pp. 425, 714 (de 1258); REAL, M.L. e PEREZ HOMEM DE ALMEIDA, M.J., 1990, p. 1503; ROSAS, L.M.C., 1995, II, p. 455; SIPA; SOUSA, B.V., 2016, pp. 183-184; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 1.6 (de 1215), p. 51, doc. n.º 1.49 (de 1325, abril, 25), p. 226; VMH, doc. n.º 6 (de 950), doc. n.º 24 (de 1014), doc. n.º 45 (de 1059).